

A FOLHA

Publicação Litúrgica sem fins lucrativos da Mitra Diocesana de Nova Iguaçu

VIA-SACRA DOS ÍNDIOS, PARÁBOLA DO POVÃO

Semanas atrás, a grande imprensa burguesa — isto é, que pertence aos grandes burgueses — saiu em campanha nacional contra o Conselho Indigenista Missionário (CIMI). O CIMI, como se sabe, é um organismo que executa, na prática, o ato de contrição de nossa Igreja, por sua participação freqüentemente pecaminosa, no trato com o problema dos índios e dos negros, na história pátria. Os grandes interesses estão sempre interligados e interdependentes. Nas terras dos índios, existem riquezas que interessam às mineradoras e madeiras. O CIMI está no meio do caminho. É preciso alijá-lo. É difícil alijar o profeta. O caminho melhor é a difamação. Então vamos a ela!

Sobre a campanha nacional de difamação do CIMI, dom Pedro Casaldáliga publicou uma nota, da qual transcrevemos trechos. Ela vale também como resposta pertinente do povão oprimido se organizando àqueles que insistem em continuar desfrutando, desrespeitando e extinguindo. Na medida em que grupos oprimidos se organizam, é o povo todo que está criando força libertadora. Mas vamos às palavras do profeta Casaldáliga:

— “Deus e sua Igreja só incomodam, quando atingem os interesses dos outros deuses e suas igrejas: o lucro, as empresas, o capital, as multinacionais. O lucro das mineradoras, no caso. O que sempre buscou a prepotente cobiça dos sucessivos impérios que vêm depredando a Ameríndia é a terra dos povos primeiros que a habitaram e salvaram; a terra toda, o solo e o subsolo.

A imprensa chamada “grande” — porque porta-voz das grandes cobiças — está se comportando apenas fidelíssima como a “voz do seu amo”. O *Estado de S. Paulo* fala pelo que é, em fidelidade ao deus a quem serve. De muito atrás, os “bandeirantes” sabem massacrar povos indígenas e roubar-lhes as terras. Uma pergunta trágica paira no ar, nesta hora de transições para o Brasil: com ares libe-

rais e sotaque democrático, a Nova República conseguirá passar à História — por conviência e omissão — como etnocida e genocida, acertadora do tiro de misericórdia nos já tão poucos remanescentes da Terra de Santa Cruz? Qualquer pessoa relativamente informada em direito internacional sabe que os povos indígenas são “outros”, com exigências de identidade e autonomia que ninguém pode impedir. O Brasil é pluriétnico e plurinacional, evidentemente que sim! “Vocês são povos, nações, proclamava solenemente João Paulo II, diante de Marçal-Tupã, naquele encontro prematuro da sacada histórica de Manaus. Isso não impede que o Estado seja um só. Um só Brasil, com muitos povos dentro!

Qualquer pessoa minimamente realista — suficientemente honesta, em todo caso — sabe que a pretensão desses povos é apenas sobreviver, sendo eles e onde estão, onde sempre estiveram, em sua casa, já tão reduzida! Imaginar, detrás dessa pretensão mínima, conspirações independentistas, futuros impérios ianomânicos que atentariam à soberania nacional — tão reduzida pelo FMI e as multinacionais — é mais que imaginação: é perversa estupidez. É mentir, caluniar, agitar para impedir o Direito, para avacalhar a Constituição, para legalizar o novo e definitivo massacre. (F.L.T.)

O direito sagrado dos indígenas e o “privilegio da União” não podem prejudicar os interesses dos Marinhos e Lacombes? Os índios e seus missionários devem ser sacrificados novamente, em benefício dos invasores?... A CNBB e o Conselho Mundial das Igrejas acabam de contestar evangelicamente as calúnias, fazendo eco às mais autênticas vozes missionárias dos primeiros dias da invasão: “Sois vós mesmos que matais os índios, exigindo deles o ouro”, gritava, do púlpito, frei Montesinos, aos 30 de novembro de 1511”. (F.L.T.)

IMAGEM DE UM NOVO DIA?

1. Se a fome só campeia em zonas pobres, nas humildes favelas sem futuro, enquanto são poupados bairros nobres de fome e sofrimento prematuro, não vejo no Poder (vê se descobre) quem tenha coração sensível, puro, para sentir a dor que se revela no rosto profanado da favela. Ricos e poderosos não se importam da condição de pobres, miseráveis. Nas vidas satisfeitas só comportam cenas, pessoas, fatos agradáveis. O que possa ofendê-los não suportam nem coisas nem pessoas reprováveis. E afirmam, rindo, ao peso dos cruzados: Da pobreza só pobres são culpados.

2. De que serve ser grande, populoso, ter riquezas, recursos abundantes, sonhar com um futuro ambicioso de feitos e de glórias ofuscantes, entre as nações ser forte e poderoso, e conseguir vitórias retumbantes? Enquanto houver miséria no teu solo, teu Poder é, Brasil, engano e dolo. Engano e dolo, sim, que o mundo sente, observando as elites do Poder — elite militar armipotente, elite cultural do vir-a-ser, empresários (elite inconsequente), políticos (elite em não prever) — o mundo sente e vê as quixotadas das elites do Povo alienadas.

3. São crises sobre crises, derramando o sangue da nação em desespero; são grupos contra grupos guerreando, em triste e lamentável entrevero; partidos em partidos se rachando, traíndo da ambição o destempero. Quem se arrasa, quem sofre, quem padece? O Povo lutador que não merece. Despertará talvez o novo dia marcado de promessa e de esperança? Vendo nossas elites, eu diria (já cansado de ver a longa dança dos donos do Poder) só haveria novo dia feliz, feliz mudança, se o Povo conquistar sua alforria. O teu Povo, Senhor, vem ajudar, pra que possa ocupar o seu lugar. (A.H.)

LINHAS PASTORAIS

A FÉ QUE PRODUZ A UNIDADE

• Também a Fé que temos em Jesus Cristo, Deus e homem — duas naturezas numa só pessoa, unidas substancialmente — deve produzir em nós dom da unidade que caracteriza a Igreja.

• Há divisão entre mim e mim. O pecado é sempre divisão, rachadura da personalidade, além de ser também uma separação em relação à comunhão e à unidade da Igreja com Jesus Cristo.

• Há divisões entre irmão e irmã. Quando olhamos a história pátria e a sorte tanto dos índios como dos negros, descobrimos que as estruturas sociais foram marcadas por um pecado social que causou — e nas suas consequências ainda causa — uma profunda e trágica divisão entre os irmãos brancos, índios e negros, filhos do mesmo Pai, certo, mas tratados de modo bárbaro pelos irmãos mais fortes que eram os brancos.

• A Fé deixou-se corromper pela ideologia do lucro, da produtividade. Ou com palavra

bíblica: pelo espírito do mundo. E ideologia fez-se (e faz-se ainda) um princípio de divisão na comunidade. Enquanto a Fé, em si mesma, sendo verdadeira, une, aproxima, identifica, a ideologia causa um processo desagregante: divide, separa, hostiliza, difama, calunia, combate, destrói.

• A isto se refere S. Paulo quando escreve (Rm 10,9-13): “Se com tua boca confessares que Jesus é o Senhor e, em teu coração, crês que Deus o ressuscitou dos mortos, serás salvo. Pois crer com o coração conduz à justiça e confessar com a boca conduz à salvação. Pois diz a Escritura (Is 1,9): ‘Ninguém que nele crê será envergonhado’. Assim, não há diferença entre judeu e grego: todos têm o mesmo Senhor, rico para com os que o invocam. Porque ‘todo aquele que invocar o nome do Senhor, será salvo’ (Jl 3,5)”.

• Com outras palavras: judeu e grego são diferentes em raça, língua, cultura, costumes, temperamento etc., mas convertidos a Jesus, tiram da Fé em Jesus a motivação profunda

que, sem eliminar as diferenças, produz nuns e noutros a unidade fundamental. Esta unidade opõe-se à divisão, que é fruto do pecado. E só ela conduz à justiça, isto é: ao projeto de amor de Deus, à salvação.

• Podemos assim afirmar que a melhor demonstração da Fé está na unidade que existe e se realiza praticamente na comunidade. Mas também que o pior contratemunho da Fé é a desunião na comunidade, quando os interesses, os egoísmos, as ambições, a vontade de poder se metem, como uma cunha, entre os membros da comunidade, causando separação e divisão.

• Unidade profunda, que se baseia em Jesus Cristo, suporta os dolorosos ensaios de carga que a convivência humana, os diversos pontos de vista, a nossa visão limitada da realidade, os limites de nossa Fé pessoal etc. impõem, de vez em quando, a cada um de nós. Havendo Fé sólida e profunda a unidade é experimentada, mas resiste. Porque está fundada em Jesus Cristo. (A.H.)

C = Comentador; L = Leitor; P = Povo; S = Sacerdote; Sl = Salmista; * = Indica que se pode usar outro texto.
Cânticos: Missa "OUVI O CLAMOR DESTES POVO", CF-88, CNBB.

RITO INICIAL

1 CANTO DE ENTRADA



1. Olha, que eu vim lá de longe, perdendo raízes, enchendo porões. Olha cruzei tantos mares, pisei novas terras, sofrendo grilhões.

Mas meu canto bonito, nem dor, nem corrente jamais abafou. Pois ser livre eu queria, meu Deus, és a força de quem confiou.

2. Olha, vendido em leilão, moído em engenhos, plantei meu suor. Olha, nos campos roçados reguei com meu sangue meu sonho maior.

3. Olha, eu venho sofrido, com todo oprímido, cantar sem temor. Olha, que vem tempo novo, trazer para o povo um dia melhor.

4. Olha, rompendo correntes pra nós, liberdade, enfim, vai chegar. Olha, trazendo esperança ao Deus da Aliança nós vamos cantar.

2 SAUDAÇÃO

S. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

P. Amém!

S. Irmãos, clamemos ao Deus Libertador!

P. Pai, ó Pai nosso, quando é que este mundo será nosso?

S. Peçamos a Jesus que venha ouvir o clamor de seu Povo!

P. Vem, ó Senhor! Vem, ó Senhor! / Vem, Senhor Jesus! Vem!

S. Invoquemos o Espírito Santo, para que nos dê força para lutar por libertação.

P. Vem, Espírito Santo, vem! Vem iluminar! S. E invoquemos a proteção do negro São Benedito e da Mãe negra Nossa Senhora Aparecida.

P. Do nosso povo negro Benedito é o protetor, com a Mãe Aparecida ouça o nosso clamor. Rogai, rogai, rogai por nós!...

S. E a graça de Nosso Senhor Jesus Cristo, — que veio revelar o Deus que ouve o clamor do povo negro e de todos os povos e, por isso, nos comunica o Espírito Santo, para lutarmos contra toda a situação de discriminação, racismo e divisão —, esteja sempre convosco.

P. Bendito seja Deus / que nos reuniu no amor de Cristo e no amor dos irmãos!

* 3 SENTIDO DA CELEBRAÇÃO

C. A Campanha da Fraternidade celebra Jubileu de Prata. São 25 anos de busca de conversão e solidariedade fraterna. Este ano, o tema "A Fraternidade e o Negro" convoca a ouvirmos "o clamor deste povo" por justiça. Mas a marginalização do negro não é algo isolado. O povo, de um modo geral, vive marginalizado. A liturgia bota o dedo na ferida. Denuncia que os líderes do povo fracassaram. Sua política de interesses próprios e mesquinhos só serviu para gerar mais pobreza e até nós nos acomodamos. Deixamos que o destino da nação fosse decidido por minoria corrupta. Mas há uma certeza: solidários, unidos, organizados, na força do Senhor Jesus, podemos reconstruir o que foi destruído. Sua Morte e Ressurreição há de nos libertar do poder e da ganância. E, quando, com coragem e coração aberto, começarmos a partilhar o pouco que temos e sabemos, a luz de Deus iluminará nossa vida. Juntos iluminaremos os homens e o mundo. Haverá Páscoa porque, pela força da fé, amaremos os irmãos e já não acumularemos riquezas.

4 ATO PENITENCIAL

S. Irmãos, nossa infidelidade nos faz recebermos com desprezo os profetas e mensageiros de Deus. Rimos de sua Palavra. O Senhor nos quer poupar de sua ira. Arrepentidos peçamos perdão. (Pausa para revisão de vida):

1. Senhor, Senhor, piedade de nós!

2. Cristo Jesus, piedade de nós!

3. Senhor, Senhor, piedade de nós!

S. Deus-todo-poderoso tenha compaixão de nós, perdoe os nossos pecados e nos conduza à vida eterna. P. Amém!

5 COLETA

S. Oremos: Ó Deus, por vósso Filho realizais, de modo admirável, a reconciliação de todos os homens. Concedei ao povo cristão correr ao encontro das festas que se aproximam, cheios de fervor e de fé. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vósso Filho, na unidade do Espírito Santo. P. Amém!

LITURGIA DA PALAVRA

6 PRIMEIRA LEITURA



C. Os governantes e o povo multiplicaram suas infidelidades. Sobrevieram fome, destruição, escravidão.

Um rei pagão confia no Senhor e na força de organização do povo. E o deixa se pôr a caminho, para reconstruir a vida e a nação, na partilha e na solidariedade.

L. Leitura do 2º Livro das Crônicas (36,14-16.19-23). — "Naqueles dias, todos os chefes dos sacerdotes e o povo multiplicaram suas infidelidades. Imitavam a idolatria dos pagãos e profanaram o templo que o Senhor tinha consagrado para si em Jerusalém. O Senhor, Deus de seus pais, lhes mandava continuamente mensageiros, pois tinha pena de seu povo e do lugar santo. Mas eles zombavam dos mensageiros de Deus, desprezavam suas palavras, riam-se dos profetas; até que a ira do Senhor contra seu povo chegou a tal ponto que já não havia remédio. Então seus inimigos incendiaram o templo de Deus, derrubaram os muros de Jerusalém, incendiaram todos os seus palácios e destruíram todos os seus objetos preciosos. Depois disso, Nabucodonosor deportou para Babilônia todos os sobreviventes. Eles se tornaram seus escravos e escravos de seus filhos, até o começo do reinado dos persas. Assim se cumpriu a palavra do Senhor, pronunciada pela boca de Jeremias: 'O país desfrutou o seu descanso sabático e repousou por todo o tempo de sua desolação, até se completarem setenta anos! No primeiro ano de Ciro, rei da Pérsia, o Senhor moveu o espírito de Ciro, para cumprir sua palavra pronunciada por Jeremias. Ciro mandou proclamar por todo o reino, de viva voz e por escrito: 'Assim diz Ciro, rei da Pérsia: O Senhor, o Deus do céu, pôs em minhas mãos

todos os reinos da terra. Ele mesmo me encarregou de construir para si um templo em Jerusalém, que está em Judá. Quem dentre vocês todos pertence a seu povo, — o Senhor seu Deus esteja com ele — que se ponha a caminho!' — Palavra do Senhor. — P. Graças a Deus!

7 SALMO DE MEDITAÇÃO

(Sl 136)

C. Nossa infidelidade nos fez chorar. Mas a alegria voltou. Com o Senhor ao nosso lado, queremos reconstruir o que o egoísmo e a omissão destruíram.

"Ouvi deste povo oprímido o clamor / e vim libertá-lo", nos diz o Senhor.

Sl. 1. Junto aos rios de Babilônia nos sentávamos chorando / com saudades de Sião / Nos salgueiros por ali / penduramos nossas harpas.

2. Pois foi lá que os opressores nos pediram nossos cânticos; / nossos guardas exigiam alegria na tristeza. / "Cantai hoje para nós / algum canto de Sião!"

3. Como haveremos de cantar os cantares do Senhor / numa terra estrangeira? / Se de ti Jerusalém, algum dia eu me esquecer / que resseque a minha mão!

4. Que se prenda a minha língua e se cole ao céu da boca, / se de ti não me lembrar / Se não for Jerusalém minha grande alegria!

8 SEGUNDA LEITURA

C. São Paulo nos dá uma certeza de que, mesmo mortos, Deus nos faz reviver, juntamente com Cristo.

L. Leitura da Carta de São Paulo Apóstolo aos Efésios (2,4-10). — "Irmãos, Deus, rico em misericórdia, levado pelo grande amor com que nos amou, nos fez reviver juntamente com Cristo, quando estávamos mortos pelos pecados. É pela graça que vocês são salvos. Com ele nos ressuscitou e nos fez sentar nos céus, em Cristo Jesus. Assim quis mostrar, nos séculos futuros, a extraordinária riqueza de sua graça, tratando-nos com bondade em Cristo Jesus. Pois é pela graça que vocês são salvos, mediante a fé. E isso, não por próprio mérito, mas como dom de Deus. Não pelas obras, para que ninguém se possa gloriar, pois somos criaturas, criados em Cristo Jesus, para as obras que Deus preparou de antemão, a fim de que nelas caminássemos". — Palavra do Senhor. — P. Graças a Deus!

9 CANTO DE ACLAMAÇÃO



Jesus Cristo, és bendito, és ungido, vem falar! Vem remir-nos do pecado e oprímidos libertar!

Sl. Tanto Deus amou o mundo, que lhe deu seu Filho único; todo aquele que crer nele há de ter a vida eterna.

10 EVANGELHO

C. Devemos crer e agir conforme a verdade, pois Deus nos ama tanto que entregou seu Filho, "para que todo o que n'Ele crer não morra, mas tenha vida eterna".

S. O Senhor esteja convosco.

P. Ele está no meio de nós!

S. Evangelho de Jesus Cristo segundo João (3,14-21).

P. Glória a vós, Senhor!

S. "Naquele tempo, Jesus disse a Nicodemos: 'Do mesmo modo que Moisés levantou a serpente no deserto, assim é preciso que o Filho do homem seja levantado, para que todos os que creem nele tenham a vida eterna. Pois Deus amou tanto o mundo, que entregou seu Filho único, para que todo o que nele crer não morra, mas tenha vida eterna. De fato, Deus não enviou o seu Filho ao mundo para condenar o mundo, mas para que o mundo seja salvo por ele. Quem nele crê não é condenado; quem não crê já está condenado, porque não acreditou no nome do Filho único de Deus. O julgamento é este: a luz veio ao mundo, mas os homens preferiram as trevas à luz, porque suas ações eram más. Quem pratica o mal odeia a luz e não se aproxima da luz, para que suas ações não sejam desmascaradas. Mas quem age conforme a verdade se aproxima da luz, para que suas ações apareçam, porque são feitas como Deus quer'. — Palavra da Salvação. — P. Louvor a vós, ó Cristo!

* 11 PREGAÇÃO — PARTILHA

12 PROFISSÃO DE FÉ



S. Creio em Deus Pai todo-poderoso.

P. Criador do céu e da terra. / E em Jesus Cristo, seu único Filho, nosso Senhor, / que foi concebido pelo poder do Espírito Santo / nasceu da Virgem Maria / padeceu sob Pôncio Pilatos / foi crucificado, morto e sepultado / desceu à mansão dos mortos / ressuscitou ao terceiro dia / subiu aos céus, / está sentado à direita de Deus Pai todo-poderoso / donde há de vir a julgar os vivos e os mortos. / Creio no Espírito Santo / na santa Igreja católica / na comunhão dos santos / na remissão dos pecados / na ressurreição da carne / na vida eterna. Amém.

* 13 ORAÇÃO DOS FIÉIS

S. Irmãos, ouvir "o clamor deste povo" negro é desafio que a Campanha da Fraternidade nos faz. Embora neguemos, o preconceito racial se enraíza dentro de nós. Queremos sair do abismo que separa e discrimina os irmãos de raça negra. Confiantes, clamamos ao Senhor. L1. No trabalho, o negro é discriminado. Na construção civil, eles são maioria. Os brancos são mestres-de-obras e os negros, serventes. Entre os empregados domésticos, a maioria é negra. Nos anúncios de emprego, "boa aparência" significa ser branco. Clamamos a Ti, Senhor:

P. Do abismo eu clamo a Ti, Senhor! / Escuta a minha prece!

L2. Na pirâmide social, o negro está na base. São obrigados a viver nas periferias, nos cortiços, nas favelas e alagados. Há poucos negros na política, na hierarquia militar, na universidade... Na Igreja, eles também estão de fora, embora se digam católicos. E é pequeno ainda o número de padres, freiras e bispos de origem negra. Clamamos a Ti, Senhor!

L3. Quase a metade dos negros brasileiros é analfabeta. De cada cem negros, só 30 têm emprego. De cada cem negros, 42 não conseguem estudar e só um entra na faculdade. E de 23 milhões de crianças que não estudam, 20 milhões são negras. Clamamos a Ti, Senhor!

(Outras intenções da comunidade...)

S. Senhor Deus da Libertação, "ouvi o clamor deste povo" e dai-nos a coragem necessária, para lutarmos por libertação e salvação. Por Cristo nosso Senhor. P. Amém!

LITURGIA EUCARÍSTICA

14 CANTO DAS OFERTAS



Trazemos no vinho e no pão a história do povo sofrido, do negro e de todo oprimido, lutando por libertação.

1. Ouvi o clamor deste povo, sofrendo, sem ter liberdade, que insiste em criar mundo novo, fundado na fraternidade!

2. Ouvi deste povo o clamor, da negra mulher explorada, buscando justiça e amor, em terra de paz, tão sonhada.

3. Ouvi o clamor deste povo na oferta do vinho e do pão! Mandai-nos o Espírito novo do amor, que liberta o irmão!

15 ORAÇÃO DAS OFERTAS



S. Orai, irmãos, para que o nosso sacrifício seja aceito por Deus Pai todo-poderoso.

P. Receba o Senhor por tuas mãos este sacrifício / para a glória do seu nome / para o nosso bem e de toda a santa Igreja.

S. Ó Deus, concedei-nos venerar com fé e oferecer, pela redenção do mundo, os dons que nos salvam e que vos apresentamos com alegria. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo. P. Amém!

16 ORAÇÃO EUCARÍSTICA



(Prefácio próprio)

(A Oração Eucarística compete ao sacerdote somente. Após a consagração):

S. (canta): Eis o mistério da Fé!

P. (canta): Toda vez que se come deste Pão / toda vez que se bebe deste Vinho / se recorda a Paixão de Jesus Cristo / e se fica esperando a sua volta. Vem, ó Senhor! Vem, ó Senhor! Vem, Senhor Jesus, vem!

17 CANTO DA COMUNHÃO



Antífona: A CAMINHO DO ALTAR, Ó SENHOR, VAI TEU POVO EM CONFIANTE ORAÇÃO, POIS TU OUVES DO POBRE O CLAMOR POR JUSTIÇA E POR LIBERTAÇÃO.

Vem, Senhor, com teu vinho e teu Pão, dar ao povo união e vigor, para o negro libertar-se da opressão e vivermos a justiça e o amor!

1. Quanto ídolo, quanta mentira, que nos fazem viver na opressão! Da presença de Deus nos retiram, nos afastam do amor do irmão.

2. Transfigura, ó Senhor, nossa vida, e nos fazes viver como irmãos: não teremos mais gente oprimida, nunca mais haverá escravidão!

3. Este templo de pedra onde estamos, ao qual damos tão grande valor, é bem menos que o irmão que deixamos, por racismo, sem nosso amor.

4. Cristo traz para o mundo sua luz, torna a fé julgamento perfeito; não partilha do amor de Jesus, quem se fecha em qualquer preconceito.

5. Todo grão que na terra plantamos, se morrer, muitos frutos dará. Todo amor que no mundo espalhamos, faz viver, promover, libertar.

18 AÇÃO DE GRAÇAS



S. Oremos: Ó Deus, luz de todo homem que vem a este mundo, iluminaí nosso coração com o esplendor da vossa graça, para fazermos sempre o que vos agrada e amarmos a vós e os irmãos. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo. P. Amém!

RITO FINAL

* 19 MENSAGEM PARA A VIDA

(Após as comunicações de interesse para a comunidade).

C. Somos o segundo país do mundo em população de origem negra. O primeiro é a Nigéria. Mas ainda é muito difícil e duro para nós reconhecer isto. Insistimos em ser um país de brancos e forçamos os que não o são a embranquecer. E aí estragamos a fraternidade, a partilha, a comunhão. Começamos, esta semana, a vencer os preconceitos e a sermos solidários com os marginalizados. Quem sabe, assim possamos contar, uns para os outros, que a ressurreição acontece até mesmo em tempo de Quaresma.

20 BÊNÇÃO FINAL

S. O Senhor esteja convosco.

P. Ele está no meio de nós!

S. A bênção de Deus todo-poderoso, Pai, Filho e Espírito Santo, desça sobre vós e permaneça para sempre.

P. Amém!

S. Vamos em paz e o Senhor nos acompanhe!

P. Amém!

21 CANTO DE SAÍDA

Virá o dia em que todos, ao levantar a vista, veremos nesta terra reinar a liberdade!

1. Minh'alma engrandece o Deus Libertador, se alegra meu espírito em Deus, meu Salvador. Pois Ele se lembrou do seu povo oprimido e fez, de sua serva, a Mãe dos esquecidos.

2. Derruba os poderosos dos seus tronos erguidos, com o sangue e o suor do seu povo oprimido / e farta os famintos, levanta os humilhados, arrasa os opressores, os ricos e os malvados.

3. Protege o seu povo com todo seu carinho. Fiel é seu amor em todo o caminho. Assim é o Deus Vivo, que marcha na história, bem junto do seu povo em busca da vitória.

4. Louvemos nosso Pai, Deus da Libertação, que acaba com a injustiça, miséria e opressão. Louvemos o Senhor no irmão que, com valia, vai fermentando a história, para vir o Grande Dia.

LEITURAS PARA A SEMANA:

2ª-feira: Is 65,17-21; Jo 4,43-54 ou Mt 7,7-9; Jo 9,1-41. / 3ª-feira: Ez 47,1-9.12; Jo 5,1-3a. 5-16. / 4ª-feira: Is 49,8-15; Jo 5,17-30. / 5ª-feira: Ex 32,7-14; Jo 5,31-47. / 6ª-feira: Sb 2,1a.12-22; Jo 7,1-2.10.25-30. / Sábado: 2Sm 7,4-5a.12-14a.16; Rm 4,13.16-18.22; Mt 1,16.18-21.24a ou Lc 2,41-51a (S. José, Pai droeiro da Igreja Universal). / Domingo: Jr 31,31-34; Hb 5,7-9; Jo 12,20-33.

A FÉ PRECIOSA

José Pedro de Alcântara

Mil nomes lhe foram dados: o Inefável, o Misericordioso, o Grande Arquiteto, a Causa Primeira, Rei, Juiz, Pai. Balbuciamos diante do mistério de Deus, cada um de acordo com sua linguagem, experiência pessoal e cultura. Muitos nomes, mas uma mesma realidade, mais sentida que pensada. Sentida às vezes como ausência cruel, outras como presença aconchegante, como companhia amiga ou como castigo incompreensível.

A fé, como sentimento, é grande auxílio de vida e de religião, mas não é fundamental para a salvação. Há pessoas que ao ouvir o nome de Deus, Cristo, Maria ou dos Santos se enchem de unção e recolhimento. Outras vivem uma aridez e uma secura desoladoras. Não sentem nada em relação à liturgia, ao

dogma e às festas religiosas. Não há laços, não há empatia, não há ligação emocional. Estas coisas não lhes dizem absolutamente nada. Seguramente, nossos sentimentos de presença ou ausência, de ligação ou ruptura, de intimidade ou estranheza em relação ao mundo e à religião têm muito a ver com nossas primeiras experiências no seio da mãe, no parto e na primeira infância. E estas experiências nascem de circunstâncias que independem de nós e muitas vezes de nossos próprios pais. Por isto, a fé como sentimento não é fundamental, nem necessária. É a fé útil. Mas fundamental é a fé preciosa, a fé que põe em obra a verdade, a fé que age em benefício do outro e sobretudo do pobre. A fé preciosa é ativa e amorosa. Esta fé não odeia

a luz, porque ela vai apenas expor seus atos de uma vida honesta e justa. É aquele que pela sua vida correta ama a Deus, Deus vem a ele e se revela na imensidão das riquezas de sua graça. Mas todo aquele que faz o mal e não ama seu irmão, mesmo tendo a fé útil, odeia a luz e odeia a Deus. A sua fé serve somente como biombo, atrás do qual esconde sua vida mal intencionada. Esta fé pode ser diabólica quando serve de pretexto para obrar iniquidades contra o irmão, em nome de Deus. É blasfêmia toda agressão física, moral, psicológica ou intelectual que se faça a qualquer ser humano, em nome de uma pretensa verdade religiosa. Se quisermos honrar e confessar a Deus, comecemos por honrar e confessar o homem, seu filho dileto,

EM TORNO DA LITURGIA

A MATÉRIA PARA O SACRIFÍCIO DA MISSA

Frei Alberto Beckhäuser, OFM

A matéria para o Sacrifício da Missa são o pão e o vinho misturado com água (n. 281). "O pão para a celebração da Eucaristia deve ser de trigo, conforme a tradição de toda a Igreja; e ázimo, conforme a tradição da Igreja latina" (n. 282). "A verdade do sinal exige que a matéria da celebração eucarística pareça realmente um alimento. Convém, portanto, que, embora ázimo, e com a forma tradicional, seja o pão eucarístico de tal modo preparado, que o sacerdote, na Missa com o povo, possa de fato partir a hóstia em diversas partes e distribuí-las ao menos a alguns dos fiéis. Não se excluam, porém, as hóstias pequenas, quando assim o exigirem o número dos comungantes e outras razões pastorais. O gesto, porém, da fração do pão, que por si

só designava a Eucaristia nos tempos apostólicos, manifestará mais claramente o valor e a importância do sinal da unidade de todos num só pão, e da caridade fraterna pelo fato de um único pão ser repartido entre os irmãos" (n. 283). Em vista disso, é que se diz no n. 293: "Para consagrar as hóstias, é conveniente usar uma única patena de maior dimensão, onde se coloca tanto o pão para o sacerdote como para os ministros e os fiéis". A arte litúrgica ainda deve caminhar bastante entre nós para se adaptar a estas novas exigências. Mas isso não acontecerá enquanto os responsáveis pela celebração não o exigirem.

"O vinho para a celebração eucarística deve ser de uva, natural e puro, isto é, sem mis-

tura de substâncias estranhas" (n. 285). Que seja de uva é condição para a validade. Existem firmas que fabricam vinho de Missa, chamado vinho canônico. Convém verificar se elas são realmente autênticas.

A água também faz parte da matéria do sacrifício. Normalmente a água das galhetas levadas em procissão para o altar será diferente da água para lavar as mãos. Esta ficará sempre na credência.

A matéria para o sacrifício, pão, vinho e água é colocada, não logo sobre o altar, mas na credência. E nas missas com o povo, sobretudo nos Domingos, as oferendas deveriam ficar no meio ou no fundo da igreja, para serem levadas pelos fiéis em procissão para o altar.

MARCAS INFAMES DO PASSADO ESCRAVISTA

Carlos Mesters

A partir das primeiras décadas do século XIX, o novo momento do capitalismo, já em sua fase industrial nos pólos centrais, não admite mais que as economias das áreas periféricas funcionem em bases escravistas. Cedendo às pressões da Inglaterra, grande potência da época, o Estado Imperial Brasileiro proibiu o tráfico negreiro. Essa medida transformou a importação de escravos em "contrabando", tornando assim o preço do escravo muito mais elevado e a utilização de mão-de-obra escrava antieconômica.

A monarquia brasileira, cedendo a pressões internas, tanto de ordem econômica como de caráter humanista, adotou uma política de duas faces. Por um lado, incentivou e facilitou a importação de trabalhadores europeus e, por outro, iniciou uma série de medidas legais de abolição gradual do trabalho escravo. Mantinha, no entanto, como escravos, os adultos plenamente produtivos, passando a dispensar os senhores da obrigação de sustentar crianças e velhos.

Quando, em 1888, a escravidão foi legalmente abolida, a questão da mão-de-obra já estava encaminhada. Os imigrantes representavam a solução para as necessidades do trabalho. Os

segmentos da elite brasileira que haviam lutado contra a escravidão nada fizeram de significativo, frente à nova situação. A sociedade brasileira dispensou-se, assim, do ônus em que se transformara a escravidão, mas sem assumir suas responsabilidades com relação aos antigos escravos.

Nenhuma sociedade passa impunemente por quatro séculos de escravidão. Nosso presente mostra ainda cicatrizes deste passado. A sociedade brasileira, em geral, incorporou forte ojeriza ao trabalho manual e, conseqüentemente, desvaloriza quem atua nessa área. Exemplo disso são as injustiças do salário, o não cumprimento dos direitos trabalhistas básicos e a exploração do trabalhador em todos os níveis. A mentalidade escravista reforça ainda o não acesso do trabalhador à terra, aos instrumentos de trabalho e à maior parte dos bens sociais.

A mentalidade escravista está também na raiz da imensa disparidade de renda entre a população pobre que apenas trabalha e sobrevive e a pequena elite econômica que explora e esbanja. O processo de industrialização e de urbanização e os mecanismos do liberalismo econômico (capitalismo) encontraram terreno

propício na herança escravista que havia no Brasil. A estrutura escravista foi sendo substituída pela estrutura de classes. Nesta, a população negra carrega uma dupla herança da escravidão, reforçada pelo capitalismo: como pobre, carrega a marginalização comum à imensa maioria da população e, como negra, sofre as conseqüências do racismo, tanto mais difícil de ser superado quanto menos assumido como real.

O passado escravista gravou, no inconsciente coletivo, a falsa convicção de inferioridade do negro. Sua etnia continua sendo usada como justificativa de ignorância ou miséria. Esse preconceito, que esconde as verdadeiras causas da desigualdade, manifesta-se, ainda hoje, em expressões de linguagem comum, nas comparações e referências. Muitos negros, por sua vez, internalizaram um complexo de inferioridade em relação à sua condição e, por isso, não assumem a negritude e têm, como padrão ideal, a situação do branco.

Para discutir nos grupos: 1. As situações concretas de escravidão já foram, de fato, abolidas no Brasil? 2. Existem semelhanças entre a situação dos escravos e a dos trabalhadores de hoje?